

Lusíada



Repositório das Universidades Lusíada

Universidades Lusíada

Loução, Maria Dulce Costa Campos, 1958-

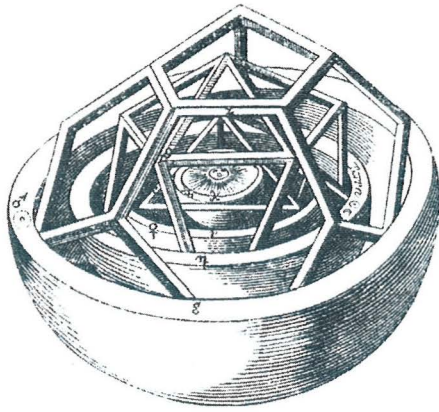
Reflexões sobre o lugar e a sua forma

<http://hdl.handle.net/11067/4946>

Metadados

Data de Publicação	2001
Tipo	bookPart

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-04-20T03:04:28Z com informação proveniente do Repositório



Os sólidos platônicos que compõem o universo,
segundo Johann Kepler

REFLEXÕES SOBRE O LUGAR E A SUA FORMA

DULCE LOUÇÃO

1

... **E**m nenhum ser podia haver inteligência sem alma.

(conseqüentemente, aquele que formou o devir pôs a inteligência na alma e a alma no corpo) e construiu o universo de maneira a fazer dele uma obra que fosse naturalmente a mais bela e a melhor.

Assim raciocinando segundo a verosimilhança, há que dizer que este mundo, que é um animal, verdadeiramente dotado de uma alma e de uma inteligência, foi formado pela providência do deus.

... ou aquilo que começou a ser, deve necessariamente ser corpóreo e, assim, visível e tangível; mas, sem fogo nada poderia ser visível, nem tangível sem algo de sólido, nem sólido sem terra. Assim, o deus foi buscar primeiro o fogo e a terra quando se pôs a compor o corpo do universo.

Mas, tendo apenas duas coisas, é impossível combiná-las convenientemente sem uma terceira, pois é preciso que haja entre as duas um elo de união.

Ora de todos os elos, o melhor é aquele que, de si mesmo, e das coisas que une, forme uma unidade o mais perfeita possível, e esta unidade é a Proporção, que é de natureza a realizá-la completamente.

... assim como os sólidos são sempre ligados por dois termos médios, e nunca por um só, o deus pôs a água e o ar entre o fogo e a terra e fê-los proporcionais um ao outro, na medida do possível, de tal modo que, assim como o fogo está para o ar, o ar está

*para a água, a água está para a terra, e foi assim que ele ligou e compôs um céu visível e tangível.
Foi desta maneira e a partir destes elementos, que são neutros, que se formou o corpo do mundo.*

... Devemos fixar três gêneros: aquilo que devém, aquilo do qual ele devém e o modelo a partir do qual aquilo que devém é produzido. Além disso, podemos comparar o receptáculo a uma mãe, o modelo a um pai, a natureza intermediária entre os dois, a um filho.

... A mãe é o receptáculo de tudo o que nasceu visível ou sensível, de uma maneira ou de outra não é a terra, ou o ar ou o fogo ou a água, ou alguma das coisas que delas se formaram ou que lhes deram origem. Mas se dissermos que é uma espécie invisível e sem forma que recebe tudo e que participa do inteligível de uma maneira bastante obscura e muito difícil de compreender, não mentiremos.

Se a inteligência e a opinião verdadeira são dois gêneros distintos, estas ideias existem perfeitamente em si mesmas: são formas que não podemos perceber através dos sentidos, mas apenas através do espírito.

Se assim é, temos que reconhecer que há primeiro a forma imutável que não nasceu e que não perecerá, que não recebe nela nada de estranho, e que não entra em nenhuma outra coisa, que é invisível e inacessível a todos os sentidos, e que só ao pensamento pertence contemplar.

Há uma segunda espécie, que tem o mesmo nome que a primeira e é semelhante à primeira, mas sensível, que é gerada, sempre em movimento, que nasce num lugar determinado para depois o abandonar, e que é acessível à opinião acompanhada de sensação.

Enfim, há sempre uma terceira espécie, a do lugar, que não admite destruição e que fornece um lugar a todos os objectos que nascem.



A arquitectura intercomunica corpos situados no mesmo lugar

...o ser, o lugar, a geração são três princípios distintos e anteriores à formação do mundo.

O lugar participa do inteligível de uma maneira bastante obscura, apenas compreensível para uma espécie de razão bastarda.

. Platão. Diálogos IV. Timeu

2.

...Timeu nomeia Khôra (localidade, lugar, local, colocação) esta coisa que não é nada senão para quê; é matriz.

A khôra parece estrangeira à ordem do paradigma, este modelo inteligível e imutável. E, contudo, invisível e sem forma sensível, participa no inteligível de um modo muito embaraçante.

.. Como pensar o que, excedendo a regularidade do logos, a sua lei, a sua genealogia natural ou legítima, não pertenceu, contudo, no sentido estrito, ao mithos?

Para além disto, a oposição interrompida ou tardia do logos e do mithos, como pensar a necessidade do que "dando lugar" a esta oposição como a tantas outras, parece por vezes não mais se submeter à lei daquilo que ela própria situa?

O quê do lugar? É nomeável? E não terá qualquer relação impossível à possibilidade de nomear?

Há alguma coisa a pensar, como nós dizemos rapidamente, e a pensar segundo a necessidade?

Jacques Derrida. Khôra

3.

Topogenesis significa literalmente a análise da genesis, o desenvolvimento desde a origem, do lugar.

A arquitectura intercomunica corpos situados no mesmo lugar.

Se as características de uma comunicação verbal devem confrontar-se com as de uma construção verbal para descobrir o que é uma forma verbal e como funciona a língua e a linguagem verbal, com a arquitectura ocorre algo de semelhante. Para saber o seu poder comunicativo haverá que ter-se em conta a qualidade específica-irreversível- de construir arquitectura. A comunicação da arquitectura está para a construção verbal o que a comunicação verbal está para a construção da arquitectura. A noção de medida de Hegel e a noção de distância em Levi-Strauss são exemplos da forma arquitectónica situada entre construção e comunicação.

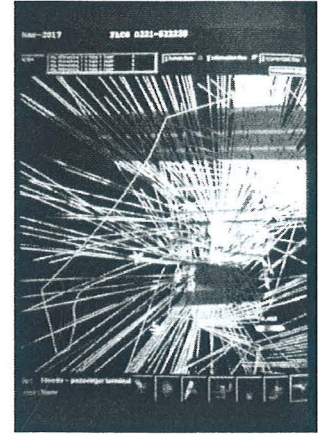
J. Muntañola. Topogenesis uno

4.

As formas, nos seus diversos estados, não estão suspensas numa zona abstracta, sobre a terra, sobre o homem. Misturam-se com a vida, donde provêm, traduzindo no espaço certos movimentos do espírito.

De uma forma mais geral, a vida das formas define lugares psicológicos, sem os quais o génio dos lugares seria opaco e inatingível.

“E assim se desenvolve o método de pesquisa científica, misto de rigor lógico e de imaginação desrespeitadora”



As formas não são o seu próprio esquema, a sua representação. A vida das formas exerce-se num espaço que não é o quadro abstracto da geometria. Toma corpo na matéria, através dos utensílios, às mãos do homem. É lá que elas existem(..) num mundo poderosamente concreto, poderosamente diverso. A mesma forma conserva a sua medida, mas muda de qualidade segundo a matéria, o utensílio e a mão.

Henri Focillon. Vie des formes

5 e último.

a propósito de **L'irracional : menace ou nécessité**

“Irracionalismo, no sentido de crítica ao racionalismo, no sentido de o enriquecer e torná-lo apto a apreender a realidade.

Uma cultura que se baseia na razão tende a falhar, provavelmente porque a ela se amputa o risco, a paixão e o desejo”

Ironicamente é por via desse incumprimento do desejo que se constroem os não lugares antropológicos, contentores de desejos, mascarados de necessidades

A propósito desta definição moral de irracionalidade recorde-se que dantes aos homens da ciência chamávamos sábios e agora denominamo-los de investigadores. Há toda uma subtil diferença: o direito à humanidade do investigador, e, portanto à dúvida e ao sentimento”.

O direito ao imaginário no acto de pesquisa e, em particular, na concepção da formulação da hipótese.

Também aqui importa reflectir no projecto de arquitectura enquanto instrumento de um processo de formulação de hipóteses perante um problema, de um território, um tema, um contexto. Um processo e um investigador. O arquitecto está vulnerável ao

acaso, à dimensão heurística do desenho, a esta” intrusão do irracional no acto de pesquisa”.

“E assim se desenvolve o método de pesquisa científica, misto de rigor lógico e de imaginação desrespeitadora”

Relação entre razão e política, entre a definição do homem como animal político, porque dotado de logos, tradução latina, animal racional. Tradução mais contemporânea, o que possui a palavra, isto é dotado de linguagem.

Assim sendo, a arquitectura só se torna coisa do domínio da razão quando, pelo acto da construção, se transforma em palavra. “O logos grego não tinha contrário”, afirma Foucault no prefácio da *Histoire de la Folie*. Parece que não há, no grego, qualquer oposição entre racional e irracional, no sentido de loucura. Há antes, vários contrários à razão que, quais” oposições assimétricas” alteram as fronteiras da razão, entrando dentro e for a dela, em função do ponto de vista.

“Dérisonner c’est raisonner autrement”.

Dulce Loução